Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 23 | 2006

Ideia(s) de Tempo(s)

Os ciclos de tempo no México Antigo

Time cycles in Ancient Mexico

Miguel Conde

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1460>

DOI: 10.4000/cultura.1460

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Janeiro 2006

Paginação: 221-231

ISSN: 0870-4546

Referência eletrónica

Miguel Conde, « Os ciclos de tempo no México Antigo », *Cultura* [Online], Vol. 23 | 2006, posto online no dia 08 abril 2014, consultado a 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1460> ; DOI : 10.4000/cultura.1460

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Os ciclos de tempo no México Antigo

Time cycles in Ancient Mexico

Miguel Conde

Introdução

- 1 Os calendários têm como base a astronomia e os cálculos matemáticos geralmente a ela associados. Este fundo científico não lhes retira nenhuma versatilidade: podem assumir aspectos por vezes muito diversos, de acordo com as diferentes necessidades. No entanto, todos tentam, de uma forma ou de outra, relacionar o que passámos com o que antecipamos para o futuro.
- 2 Para criar um destes calendários formais necessitamos de estabelecer diferentes pontos de referência cíclicos: o sol, a lua, um planeta, uma planta que nasce ou um animal que ressurgue, vindo da sua migração ou despertando da hibernação.
- 3 Na Mesoamérica,¹ os ciclos de tempo reflectem-se na vida agrícola, religiosa, social e até no urbanismo (através do eixo de orientação dos edifícios ou mesmo do das cidades). São disso exemplo os 365 nichos da pirâmide de El Tajin, um por cada dia, que procuram corporalizar a passagem etérea do tempo (fig.1.). A observação da natureza orienta, deste modo, as actividades práticas no tempo e no espaço; e uma maior complexidade social conduz a uma maior sofisticação na observação e desenvolvimento dos calendários, que se articulam com as estruturas cosmogónicas da comunidade.

Fig. 1 . Pirâmide de Nichos de El Tajin.

Fig. 2. Distribuição espacial dos calendários mesoamericanos.

EDMONSON, Munro S, «Los calendarios de la conquista», *Arqueología Mexicana* vol. VII – N° 41, 2000, p. 43.

- 4 Embora haja diversos calendários na Mesoamérica, graças a uma diversidade cultural e a especificidades locais às quais a orografia não é alheia (fig. 2.), podemos identificar ciclos de tempo pan-mesoamericanos. O calendário de 260 dias, que se começou a desenhar ao longo do segundo milénio antes de Cristo, faz mesmo parte de um conjunto de traços que define a *mesoamericanidade* (vd. nota anterior) e é o mais antigo calendário registado em pedra; registo que se encontra na zona zapoteca e que data de meados do primeiro milénio a.C.² A estrutura deste calendário é igual de região para região mas há detalhes

que variam, como os nomes dos dias ou os dos anos. Mesmo dentro da Tripla Aliança, Império ao qual podemos chamar Azteca, não há uma padronização desses detalhes. Aliás, nas cidades que constituíam a Tripla Aliança (Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan), o ano nem sequer se iniciava no mesmo dia.

- 5 Em nome da clareza vamos usar como base nesta análise os calendários dos Mexicas de Tenochtitlan, complementados pelos dos Maias das Terras Baixas. A estrutura é a mesma e as pequenas diferenças que ocorrem têm mais que ver com a expressão do que com o conteúdo.

As formas calendáricas

- 6 Na Mesoamérica existem dois calendários nucleares. O de 365 dias, que está relacionado com o ano trópico e que tem um carácter fortemente ritual e mágico, chama-se em náhuatl *xiuhpohualli* (conta dos anos) e em maia *haab*. Este calendário articula-se com o ciclo de 260 dias, o *tonalpohualli* (conta dos dias) ou *tzolkín*. A combinação destes ciclos formava a maior unidade cronológica mesoamericana «conta curta», a de 52 anos. É o chamado «século mesoamericano». Apenas os Maias clássicos desenvolveram a «conta longa», uma cronologia absoluta a partir de uma data zero.

Xiuhpohualli

- 7 Este calendário está organizado em 18 «meses» de vinte dias (vintenas) ao qual se juntam 5 dias extra cada ano, os *nemontemi* (dias nefastos) ou *uayeb*, totalizando assim 365 dias, havendo a possibilidade de ano bissexto.³ O papel deste calendário trópico, que marcava o passar dos anos, ao acompanhar os astros e os ciclos da natureza, era o de determinar os inúmeros rituais que nas sociedades do México antigo ritmavam o quotidiano.⁴ Cada uma destas vintenas era caracterizada por um festival que homenageava um deus em particular. O nome da vintena, à qual podemos chamar mês, era também o do festival realizado nesse período. Por exemplo, o festival *Panquetzaliztli*, alçamento de bandeiras (em que o deus festejado era Huitzilopochtli, deus guerreiro e patrono dos Mexicas), tinha lugar na vintena *Panquetzaliztli*.
- 8 Ainda que as celebrações principais ocorressem no último dia do mês, havia outras actividades e ritos preparatórios, mais ou menos longos, de acordo com a festa em questão, que podiam começar 20, 40 ou até 80 dias antes da celebração principal e, muitas vezes, até terminar para lá desta. Isto significa que muitos rituais se sobrepunham, num entrelaçar cerimonial ao longo de todo o ano. As grandes celebrações tinham lugar no ponto nevrálgico da cidade, ou seja, no caso de Tenochtitlan na Praça Maior. As cerimónias tanto podiam ser de manhã como de noite, à luz de centenas de archotes. Os atavios dos intervenientes eram exuberantes e tudo estava envolto num ambiente teatral, causando um enorme impacto nos protagonistas e na assistência. Estes momentos eram, talvez, a faceta mais visível de uma ideologia de estado que fundia todas as vertentes da sociedade.
- 9 As cerimónias eram preparadas por sacerdotes especializados, que eram também os principais celebrantes; ainda que nas de carácter militar alguns nobres fossem os intervenientes, assumindo as responsabilidades inerentes à sua condição. Os rituais guerreiros, tais como a referida *Panquetzaliztli*, centravam-se no culto ao sol, à águia e, por

consequente, o peso que a política assumia no seu desenrolar era por demais evidente. As celebrações da gente comum estavam geralmente relacionadas com o culto à fertilidade (aos deuses da chuva e do milho – o cereal sobre o qual assentava a vida no México Antigo). As datas fundamentais do calendário agrícola são: o início do ano (Fevereiro); a sementeira (Abril); o apogeu das chuvas e crescimento do milho (Agosto) e a colheita (Outubro-Novembro). Assim, as principais celebrações dedicadas aos deuses do milho eram as de *Atlcahualo*, na estação seca, em que crianças eram sacrificadas nos montes da região (como meios de contratação entre deuses e homens);⁵ a de *Huey Tozoztli*, em que se festejava a sementeira; e, finalmente, a de *Tepeihuitl*, já no período da colheita, em que se celebravam os mortos. Estas festas continuam a ser realizadas pelos indígenas, mesmo que já muito cristianizadas. Aliás, as celebrações cristãs do início de Novembro juntaram-se ao *Tepeihuitl* e deram origem ao festival dos mortos tão típico do México de hoje, onde as abundantes ofertas de comida simbolizam o encerramento do ciclo agrícola.

Tonalpohualli

- 10 A existência do calendário de 260 dias encontra-se registada desde os otomis, ao norte do México, até aos Nicaragos, na Nicarágua, e esteve em uso oficial até ao ano 1580 d.C., ou seja, por cerca de 2200 anos. De carácter eminentemente ritual e astrológico, a sua utilização ultrapassou em muito o período do encontro com o mundo ocidental. Ainda hoje, em bastantes comunidades rurais indígenas, este calendário é utilizado quotidianamente. Uma das utilidades práticas deste calendário era a de referenciar a passagem dos dias. Para referência ao tempo quotidiano, ao dia do *tonalpohualli* juntava-se o ano, de que é exemplo a seguinte forma: dia 5-*ocelotl* (do *tonalpohualli* e não do *Xiuhpohualli*) do ano 12-*acatl*.⁶
- 11 A origem deste ciclo é incerta, havendo quem o relacione com o período da gestação humana (ainda que em média esta seja um pouco mais longa) ou com uma conjunção dos ciclos da Lua, do Sol e de Vénus.⁷ Porém, o mais provável é que a sua duração esteja relacionada somente com o ciclo solar. Na latitude de 15°N, que atravessa a zona maia meridional, nomeadamente Izapa e Copan (provável região de origem deste calendário), o tempo que separa as duas passagens anuais do sol pelo zénite é de 105 e 260 dias.
- 12 A «conta dos dias», como se chama este calendário, é constituída por 20 signos de carácter divino que se cruzam com os números até 13. Por exemplo, se substituirmos os signos pelas letras de A a T teremos a seguinte sequência: A-1 B-2 C-3 (...) M-13 N-1 (...) T-8 A-1 B-2, etc. Cada um destes dias tem um valor específico, atribuído pelo número e pelo signo que fazem de cada dia uma entidade singular, fundamental para prever o futuro e para interpretar o passado ocorrido numa data definida. O destino de cada um dos homens estava determinado pelos deuses criadores desde sempre, mesmo antes do começo do mundo, e esse destino encontra-se revelado no dia de nascimento, no dia do seu *tonalli*.⁸
- 13 A importância deste calendário pode ser atestada pela existência de *tonalpouhqui's* (sacerdote que lê o *tonalamatl* – livro dos dias, destinos ou espíritos) aos quais as pessoas pedem conselhos acerca da sua vida ou aos quais recorrem os pais de um recém-nascido. Dirigem-se a ele para saber o futuro da criança; eventualmente podem mesmo alterar o dia «oficial» do nascimento para que o seu futuro seja mais venturoso (fig. 3.). No *Códice Florentino* encontramos alguns prognósticos do destino, retirados seguramente de um *tonalamatl*, tais como:

«Daquele que nasce a 1-Morte diz-se que vai ser rico e próspero, seja nobre ou gente do povo (...) 1- Jaguar, aqueles que então nasciam, fossem nobres ou gente do povo, segundo se dizia, morreriam em guerra, seriam feitos prisioneiros». ⁹ Dos que nasciam a 9-crocodilo «dizia-se que não era bom, não era conveniente, que estava cheio de pó e lixo; andrajoso, roupa velha, a total miséria trazia como destino, e com nada se poderia remediar, nada poderia melhorar o seu dia de nascimento». ¹⁰

Fig. 3 . Codex Borbonicus - Tercena de Quetzalcoatl

Codex Borbonicus, J. de Durand-Forest e K. A. Nowotny (ed.), Graz, Akademische Druck und Verlagsanstalt, 1974.

- 14 Entre os Zapotecos, os Mixtecos e os Mexicas era costume baptizar as crianças, que recebiam nomes de acordo com a sua data de nascimento (2-movimento, 4- flor, 9-jaguar, etc). Porém, outros aspectos importantes são também averiguados: verificar se os noivos são compatíveis (por exemplo, nos Mixtecos os membros de um casal não podiam ter o mesmo nome ou número do dia de nascimento e o ideal era que o número do homem fosse maior que o da mulher), se é sensato partir de viagem a dada altura ou ainda inquirir acerca do tratamento a fazer para curar determinada enfermidade. Recorre-se a uma leitura especializada do *tonalpohualli* pelo *tonalpouhqui*, que é médico, sacerdote e psicólogo.
- 15 Este calendário, a conta dos dias, podia ser dividido por vários números, tendo todos os resultados significados diversos. A divisão por 5 dava 52, os anos do «século mesoamericano», e que correspondia às 5 regiões do universo (os 4 pontos cardeais mais o centro). A divisão por 13 resultava em 20, o número de deuses associados a este calendário, e a inversa, por 20, um valor (13, a tercena) que é o que mais se assemelha à nossa semana.

Os Anos

- 16 E como se referiam aos anos? Embora à primeira vista não pareça, estes sucediam-se e eram nomeados de uma forma sequencial. O nome do ano era atribuído de acordo com o 1º dia do ano (do *tonalpohualli*). E os nomes anos podiam ser 4, acompanhados de números até 13. Se o primeiro dia do primeiro ano tivesse sido *ce-tochtli* (1-coelho), na sucessão do *tonalpohualli*, 365 dias depois chegaríamos ao *ome-acatl* (2-cana), mais 365 dias ao *ye-tecpatl* (3-pedernal), depois ao *nahui-calli* (4-casa) e ao 5º ano ao *chicome-tochtli* (5-coelho). O 52º ano nesta sucessão seria o *matlactli omey-calli* (13-casa). Ao final de 18980 dias estava concluído o «século mesoamericano» e a conta voltava ao 1-coelho.

O século mesoamericano

- 17 A combinação dos ciclos *xiuhpohualli* e o *tonalpohualli*, a roda calendárica, leva ao chamado «século mesoamericano» (fig.4).

Fig. 4. Roda calendárica

TENA, RAFAEL, «EL CALENDARIO MESOAMERICANO», ARQUEOLOGIA MEXICANA VOL. VII — 41, 2000, P. 9.

- 18 Os nomes dos dias do calendário de 365 dias são diferentes dos do de 260, pelo que em cada ano os dias de cada mês são diferentes. Só ao fim de 52 anos é que dado dia de um calendário se volta a encontrar com outro do segundo calendário. Quando isso se passa, e se inicia o 1-coelho, conclui-se um século e dá-se a «ligação de anos».¹¹
- 19 Os Mexicas acreditavam que o mundo tinha tido 4 Eras (ou «sóis») anteriores à actual. Este 5º sol, criado em Teotihuacan, deveria, deverá, acabar com um grande terramoto, um

grande movimento (*ollin*). Esta catástrofe ocorrerá numa das ligações de anos, pelo que o aproximar de um momento potencialmente tão perigoso causava preocupação e motivava uma aturada preparação, que se iniciava com um ano de antecedência. Nos últimos momentos do século partiam-se os objectos domésticos, apagavam-se todos os fogos e as pessoas fechavam-se em casa ou aproximavam-se do local onde se iria acender o *Fogo Novo*, a cerimónia que marcava este momento. Com o cair da noite a ansiedade subia. No momento exacto da «ligação dos anos», ateava-se um fogo a umas canas colocadas no peito de um guerreiro entretanto sacrificado, guerreiro que teria que, ele próprio, ter 52 anos. Este era o momento chave, o acender do fogo significava que a existência tal como era conhecida se iria prolongar pelo menos por mais 52 anos. Acendido o fogo, este era transportado, com alívio, para os diversos templos da região onde depois cada um ia buscar o seu fogo doméstico. Fechava-se um ciclo, e logo outro se iniciava.

Conta Longa

- 20 Falámos até agora dos registos de tempo cíclicos. No entanto, na zona maia, desenvolveu-se também uma contagem linear do tempo, com uma função eminentemente política. Na verdade, os Maias desenvolveram o que se chamou a «conta longa». Esta era uma forma de registo que partia de um ponto zero, o dia 13 de Agosto de 3114 a.C. e acumulava os dias linearmente.
- 21 Controlando este registo os governantes demonstravam dominar milhares de anos, conhecer fenómenos prévios à criação, prognosticar grandes acontecimentos e escolher correctamente as datas indicadas para cada celebração. Desenvolveram, com base neste conhecimento, a ideia de uma continuidade histórica desde o par criador original até eles próprios, reforçando a sua essência divina. A sua linhagem assentava no conhecimento da sucessão e dos momentos em que as transições tinham tido lugar.
- 22 Para registar estas datas era necessário ter definido um registo numérico eficiente. Tal como o nosso se baseia em múltiplos de 10 e o mesopotâmico em múltiplos de 60, o maia baseia-se em múltiplos de 20. Assim, cada conjunto de 20 dias (chamados *kines*) formava um mês ou *uinal*. Como se procurava aproximar o ciclo ao ano trópico a próxima unidade era multiplicada não por 20 mas sim por 18 ($20 \times 18 = 360$). No entanto, esta operação é uma excepção. A este ano de 360 dias chamava-se *tun*, que constava de 360 *kines*, distribuídos por 18 *uinales* ou vintenas. Vinte *tunes* formavam um *katun* (7200 dias) e 20 *katunes* um *baktun* (ou seja 144 000 dias). Cada Era consistia por 13 *baktunes*, cerca de 5125 anos trópicos. A sequência de 13 *baktunes* em que actualmente vivemos termina em 2011 (possivelmente de 12 para 13 de Agosto), e este facto tem dado origem a muita literatura acerca da previsão maia sobre o fim do mundo.

Como se apresentava a Conta Longa

- 23 Os Maias usavam um sistema posicional na apresentação dos números, tal como nós. A diferença é que o faziam na vertical e não na horizontal e usando múltiplos de 20 e não 10, i.e., seria 1, 20, 400, 8000, 160 000. Este sistema posicional, que implicou o uso do conceito de zero, permitia anotar as unidades de tempo acumuláveis de forma linear, embora quando o fizessem utilizassem a adaptação referida de 18 *uinales* (vintenas) e não 20, para o aproximarem do calendário trópico. Para tudo o resto utilizavam o sistema vigesimal

«perfeito». A sua apresentação era feita usando um sistema de pontos e barras, em que os pontos valiam um e as barras cinco.

24 Um exemplo da enunciação de uma data maia é: 8.14.3.1.12, que se apresenta assim:

25 (8 *baktunes*)

...

==

(14 *katunes*)

....

==

(3 *tunes*)

...

(1 *uinal*)

.

(12 *kines*)

..

=

26 No total seriam 1 253 912 dias desde o início da era. Estaríamos assim no dia 16 de Setembro de 369 d.C.

27 Esta datação era utilizada para marcar ascensões ao trono, guerras travadas com outras cidades (ganhas, obviamente) ou fenómenos astronómicos. A contagem de tempo linear tinha, internamente, um carácter cíclico na medida em que uma data estava predestinada a assinalar o seu final, instante em que uma Era se concluiria e outra teria início. A possibilidade de fixar momentos significava que quem o podia fazer tinha um poder quase divino. Apenas um deus tinha a possibilidade de fixar um acontecimento de forma permanente.

Conclusão

28 Os calendários de 260 e 365 dias não são simples marcadores de tempo, são entidades com uma vida própria que afectavam quotidianamente todas as sociedades mesoamericanas. Para os investigadores actuais, o *Tonalpohualli* é mesmo considerado um dos marcadores da «mesoamericanidade» de uma comunidade. Não porque seja um elemento acessório mas precisamente porque revela a forma como cada grupo humano estrutura o seu mundo e o seu lugar nele.

29 Dado a sua influência transversal na sociedade, a sua utilização política não era despendiça. As divergências calendáricas entre as diversas entidades políticas, e até entre as cidades da Tripla Aliança (Tenochtitlan, Tlacopan e Texcoco), podem levar-nos a questionar o grau de hegemonia de algo a que nos acostumámos chamar Império Azteca. Contudo, não podemos ignorar que Tenochtitlan vigiava de perto as actividades dos *tonalpohualli*. Estes eram formados em escolas estatais onde aprendiam as técnicas necessárias ao seu mester mas também a importância do seu papel na manutenção de uma estrutura social rígida.

30 Os calendários, em termos gerais, reflectiam-se na vida de todos os membros da sociedade. Originados pela leitura dos ritmos naturais acabavam, por osmose, por institucionalizar os ritmos urbanos. Por seu lado, as celebrações nas pequenas comunidades, onde primeiro se tinha sentido necessidade de um calendário, estavam

longe da extrema ritualização urbana mas satisfaziam uma vontade de se articular ritualmente com o cosmos que emergira milhares de anos antes da fundação da primeira cidade mesoamericana. Ao longo dessa associação cronológica, realizada pelo espírito humano, o tempo seguia, e segue, indiferente à tentativa de fixação humana dos elementos que o transcendem.

BIBLIOGRAPHY

- BRODA, Johanna, «Calendarios, cosmovisión y observación de la naturaleza», *Temas Mesoamericanos* (ed.), Mexico, INAH-CONACULTA, 1996, pp. 427-469.
- CASO, Alfonso, *Los Calendarios Prehispánicos*, México, UNAM – IIH, 1967.
- CASTILLO FARRERAS, Victor, «El Bisiesto Náhuatl», *Estudios de Cultura Nahuatl* IX, 1971, pp. 75-104.
- Codex Borbonicus*, FOREST, J. de Durand e NOWOTNY, K. A. (eds.), Graz, Akademische Druck und Verlagsanstalt, 1974.
- Códice Telleriano-Remensis*, QUIÑONES, Eloise K. (ed.), Austin, University of Texas Press, 1995.
- EDMONSON, Munro S., *The Book of the Year. Middle American Calendrical Systems*, Salt Lake City, University of Utah Press, 1988.
- GRAULICH, Michel, «Acerca del "problema de ajustes del año calendárico mesoamericano al año trópico"», *Estudios de Cultura Náhuatl* 33, 2002, pp. 44-56.
- HINZ, Eike, «Aspectos sociales del calendario de 260 días en Mesoamerica», *Estudios de Cultura Náhuatl* 14, 1980, pp. 203-224.
- MARCUS, Joyce, «Los calendarios prehispánicos», *Arqueología Mexicana* vol. VII – N° 41, 2000, pp. 12-19.
- SIARKIEWICZ, Elzbieta e SIARKIEWICZ, Marek, «Algunos sistemas calendáricos de los pueblos del altiplano central de México y el problema de correlación con los calendarios cristianos», *REAA* XV, pp. 121-129.
- SAHAGÚN, Bernardino de, *Historia General de las Cosas de Nueva España*, de LOPEZ AUSTIN, Alfredo y GARCIA QUINTANA, Josefina (intr., paleografía, glossário e notas), Mexico, CONACULTA, III Vols., 2000.
- SAHAGÚN, Bernardino de, *Códice Florentino*. Manuscrito 218-20 de la Colección Palatina de la Biblioteca Medicea Laurenziana, ed. Facs. 3 Vols., México, Secretaria de Gobernación, Archivo General de la Nación, 1979.
- TENA, Rafael, «El calendario mesoamericano», *Arqueología Mexicana* vol. VII – N° 41, 2000, pp. 4-11.

NOTES

1. Conceito desenvolvido pelo investigador alemão Paul Kirchoff, como ferramenta de trabalho metodológico, para definir uma área geográfica e cultural que tem como limite norte o rio Panúco, no centro-norte do México, e que a sul chega até ao ocidente da Nicarágua. Esta área é definida pela existência de certos traços culturais idiossincráticos, sendo os principais: o uso do calendário de 260 dias, alimentação baseada no complexo milho, feijão, cabaça e chile, existência de sacrifícios humanos, conhecimento da escrita, prática do jogo da bola e veneração a Quetzalcoatl.
2. Marcus, Joyce, «Los calendarios prehispánicos», *Arqueología Mexicana* vol. VII – N° 41, 2000, p.18.
3. Castillo Farreras, Victor, «El Bisiesto Náhuatl», *Estudios de Cultura Nahuatl* IX, 1971, pp. 75-104; TENA, Rafael, «El calendario mesoamericano», *Arqueología Mexicana* vol. VII – N° 41, 2000, pp. 10.
4. Broda, Johanna, «Calendarios, cosmovisión y observación de la naturaleza», *Temas Mesoamericanos* (ed.), Mexico, INAH-CONACULTA, 1996, pp. 427-469.
5. As crianças sacrificadas tornar-se-iam *tlaloques*, auxiliares do deus Tlaloc.
6. Como dizemos 1 de Fevereiro de 2007, por exemplo.
7. Tena, Rafael, «El calendario mesoamericano», *Arqueología Mexicana* vol. VII — N° 41, 2000, p. 5.
8. Conceito que significa «dia» mas também algo que podemos traduzir por «espírito» ou ainda «destino».
9. Sahagún, Bernardino de, *Códice Florentino*. Manuscrito 218-20 de la Colección Palatina de la Biblioteca Medicea Laurenziana, ed. Facs. 3 Vols., México, Secretaria de Gobernación, Archivo General de la Nación, 1979 Vol. 1. Livro 4, cap. 9 folha 23 fr e vr.
10. *Ibidem*, Vol. 1. Livro 4, cap. 9 folha 5 fr.
11. Caso, Alfonso, *Los Calendarios Prehispánicos*, México, UNAM – IHH, 1966.

ABSTRACTS

A Mesoamérica, área cultural onde surgiu uma das poucas civilizações prístinas, tem como um dos elementos mais idiossincráticos a forma particular como lê o tempo. A face mais visível dessa realidade é a existência de um calendário de 260 dias e o modo como este se articula com os demais calendários. Esse processo contribui para conformar a sociedade enquanto tal e articulá-la com a visão que esta tem de si própria e do papel que desempenha num cosmos que a transcende. Neste texto pretendemos dar a conhecer alguns dos factos mais característicos dos ciclos de tempo mesoamericanos, mostrar o seu funcionamento e tentar motivar o interesse por um conhecimento mais profundo de uma estrutura mental colectiva singular, como a que encontramos no México Antigo.

One of the most idiosyncratic elements of pre-Columbian cultures in Central America, a geographical area that was the cradle for some of mankind's most pristine civilisations, is the unique way in which they interpret time. The most visible face of this phenomenon is the existence of a calendar with 260 days and the way in which this articulates with other kinds of calendars. This process influenced local society, the view it had of itself and how it was

integrated into a cosmos that transcended its existence. In this text I will expound upon some of the more characteristic elements of ancient Central American notions of time cycles, demonstrate how these concepts work and try to motivate the interest about a unique and remarkable collective mental structure, as was the case in Ancient Mexico.

INDEX

Keywords: Mesoamerica, Ancient Mexico, Mayas, Aztecs, calendars, time

Palavras-chave: México Antigo, Maias, Aztecas, calendários, tempo

AUTHOR

MIGUEL CONDE

Mestrando em Estudos Mesoamericanos Universidad Nacional Autonoma de Mexico.

Licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

Lisboa. Pós-Graduação em Egiptologia pela mesma Faculdade. Pós-Graduação em Estudos

Orientais pela Universidade Católica Portuguesa. Mestrando em Estudos Mesoamericanos na

Universidad Nacional Autonoma de Mexico.